



**ENTRE A CASA E A ESCOLA, A CIDADE:
O 'ANDAR JUNTO' COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA COM CRIANÇAS**

***Between home and school, the city:
the 'walking together' as a research strategy with children***

Leticia de Luna Freire

Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: leluna2005@yahoo.com.br

Áltera, João Pessoa, v.2, n.13, p. 102-124, jul./dez. 2021

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Este trabalho é recorte de uma pesquisa realizada com crianças removidas da favela Metrô Mangueira para um condomínio popular na Zona Norte do Rio de Janeiro, tratando dos impactos do deslocamento residencial forçado em sua experiência escolar e cidadã. Considerando a importância do caminhar na observação e compreensão do espaço urbano, o artigo concentra-se na descrição e análise de uma atividade, adotada no campo, que consistia em “andar junto” com duas crianças pela cidade, acompanhando o seu trajeto entre a casa e a escola. Partindo do diálogo entre a Antropologia da Criança e a Antropologia Urbana, busca-se refletir sobre limites e possibilidades revelados por essa estratégia metodológica. Conclui-se que, assim como a casa e a escola, a cidade também é lugar significativo de socialização e aprendizagem, e que andar com as crianças no espaço urbano pode ser uma potente ferramenta da pesquisa antropológica.

PALAVRAS-CHAVE:

Cidade. Crianças. Escola. Caminhar.

ABSTRACT:

This paper is part of a research conducted with children removed from the Metrô Mangueira favela to a popular condominium in the North Zone of Rio de Janeiro; such investigation is concerned with the impacts of forced residential displacement on their school and city experience. Considering the importance of walking in the observation and understanding of urban space, the article focuses on the description and analysis of an activity adopted in the field that consisted in “walking together” with two children through the city, following their path between home and school. Based on the dialogue between the Anthropology of the Child and Urban Anthropology, it seeks to reflect on the limits and possibilities revealed by this methodological strategy. It concludes that, just like home and school, the city is also a significant place for socializing and learning and that walking with children in the urban space can be a powerful tool for anthropological research.

KEYWORDS:

City. Children. School. Walking.



Deve ter alamedas verdes
A cidade dos meus amores
E, quem dera, os moradores
E o prefeito e os varredores
E os pintores e os vendedores
Fossem somente crianças
(“A cidade ideal”, Chico Buarque)

A famosa peça de teatro infantil *Os Saltimbancos*, lançada no Brasil no final dos anos 1970, narra as aventuras de quatro animais (jumento, cachorro, galinha e gata) que, cansados de serem explorados pelos seus donos, decidem fugir para a cidade e tentar a sorte como músicos.¹ Gozando de uma liberdade então inédita de circular pela cidade, eles passam a manifestar impressões, sentimentos e desejos diversos, despertados naquele novo ambiente. Lugar de descobertas e interações com o outro, a cidade pode significar liberdade, mas também opressão. A letra de uma das músicas da peça, “A cidade ideal”, cujo trecho reproduzimos na epígrafe, fala dessas distintas experiências urbanas e do desejo comum dos personagens de que os humanos ali – gestores, trabalhadores e artistas – fossem somente crianças, clamando por uma cidade mais justa e acolhedora a todos.

E as crianças, como circulam, vivenciam e pensam a cidade? Partimos, seguindo a argumentação de Castro (2004), do pressuposto de que circular pela cidade se impõe como condição do viver urbano, mas os modos de circulação na cidade são, em grande medida, constrangidos por certas condições dos sujeitos, como idade, gênero, classe social, estilo de vida e experiência cultural. De modo geral, as crianças, por viverem sob a tutela de adultos, acabam tendo uma circulação limitada nos grandes centros urbanos, refletindo a divisão social do trabalho segundo a qual a casa e a

¹ Fábula musical traduzida e adaptada por Chico Buarque, em 1976, de uma peça italiana de Sergio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov, por sua vez inspirada no conto “Os músicos de Bremen”, dos irmãos Grimm. O enredo, de cunho político, denuncia as condições de opressão e exploração da classe proletária pelas elites.



escola seriam alguns dos poucos locais onde sua presença é desejável, e deixando-as, assim, em situação desvantajosa quanto ao direito de ocupar, usufruir e participar da construção do espaço público. Entretanto, ouvir a voz das crianças pode ser revelador, no sentido fotográfico apontado por Sarmiento (2018), das formas de vida da/na cidade, constituindo-se um aspecto central para o conhecimento das crianças e das cidades, assim como dos fatores de restrição e favorecimento da cidadania.

Longe de esgotar o debate sobre infância e cidade, trataremos esse tema a partir de uma abordagem e um contexto específicos na metrópole do Rio de Janeiro. Este trabalho é recorte de um projeto mais amplo de pesquisa², que tem como objetivo analisar os impactos da remoção da favela Metrô Mangueira sobre a experiência escolar e cidadina das crianças das famílias atingidas. Metodologicamente, o projeto contempla diversas atividades de campo, como entrevistas, observação participante e visitas guiadas, mas principalmente a realização de oficinas temáticas com as crianças, tanto aquelas que permaneceram na área parcialmente removida quanto as que foram reassentadas em um condomínio popular nas redondezas, a fim de compreendermos sua perspectiva sobre a remoção, a escola, a infância e a cidade.

Inspirada no livro *Como as crianças veem a cidade?* (VOGEL, A.; VOGEL, V. L. O.; LEITÃO, 1995) e em diversos outros trabalhos a respeito da relação entre infância e cidade (CASTRO, 2004; MÜLLER; NUNES, 2014; SARMENTO, 2018; GOBBI; ANJOS, 2020; ARAÚJO, 2016; TONUCCI, 2009; DEBORTOLI et alii, 2008 etc.), nossa equipe realizou algumas oficinas para apreender a forma como essas crianças representavam o Rio de Janeiro, sua circulação e sua relação com a cidade, em particular no trajeto cotidiano entre a casa e a escola. Considerando a importância do caminhar na observação e compreensão do espaço urbano, propomos, de modo experimental, andar junto pela cidade, acompanhando a trajetória de dois meninos de suas residências até as instituições de ensino onde estudam.

Buscamos aqui compartilhar e analisar essa experiência de “andar junto” à luz das contribuições de autores como Certeau (2008), Jolé (2005), Thibaud (2008),

² O projeto “Entre a casa e a escola: efeitos da mobilidade residencial forçada na experiência escolar de crianças e jovens da Região Metropolitana do Rio de Janeiro” é realizado no âmbito do Núcleo de Pesquisa Educação e Cidade (NUPEC), na Faculdade de Educação da UERJ; conta com a participação de estudantes de diferentes níveis e áreas de formação e com o apoio do PIBIC/CNPq.



Vogel e Mello (2017 [1981]), Sarmiento (2018) e Müller (2018), com o propósito de refletir sobre limites e possibilidades revelados por essa estratégia metodológica. Em um primeiro momento, apresentamos brevemente nosso campo para aproximar o leitor do contexto da pesquisa. Em um segundo momento, relatamos duas oficinas temáticas que antecederam a atividade do caminhar e nos forneceram elementos importantes para a compreensão da perspectiva dessas crianças sobre a cidade. Em seguida, descrevemos e analisamos a atividade do “andar junto” com dois meninos, explorando o que ela pôde nos mostrar, *in loco*, sobre a presença e a vivência deles na cidade. Tal como acompanhamos esses meninos em seus caminhos pela cidade, convidamos o leitor a nos acompanhar por esta trilha, ajudando-nos a pavimentar o chão desta reflexão.

O CAMPO EMPÍRICO: A FAVELA, O CONDOMÍNIO, O BAIRRO

Também conhecida como “favela do Metrô”, a localidade Metrô Mangueira surgiu a partir da construção da estação do metrô Maracanã, inaugurada em 1981, no bairro homônimo, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Os alojamentos provisórios dos operários, erguidos à margem da linha férrea, foram ocupados após o término da obra, por conta das dificuldades de acesso à moradia para a classe trabalhadora e das vantagens propiciadas pela localização privilegiada, uma vez que estavam a cerca de 7km do centro, em uma região com grande variedade de serviços e oportunidades de trabalho.

Comparada com a vizinha Mangueira – ocupação que teve início no final do século XIX, no Morro do Telégrafo, e hoje é considerada um bairro –, Metrô Mangueira era uma ocupação recente e pequena, com cerca de setecentas famílias e poucas instituições sociais, sendo, por conta desse contraste, também chamada pelas crianças de “favelinha”.

Como se pode observar no mapa a seguir, a favela situa-se nas margens da Avenida Radial Oeste, na confluência entre os bairros Maracanã, Mangueira e São Francisco Xavier, próxima às linhas de trem metropolitano e de metrô (ambas as es-



tações designadas Maracanã), ao Estádio Jornalista Mário Filho (vulgo Maracanã) e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de próxima à Quinta da Boa Vista, possuindo fácil acesso ao sistema modal de transporte da cidade. Veremos adiante que os dois condomínios populares construídos pela prefeitura na rua de trás da estação do metrô para abrigar moradores removidos de áreas de risco da Mangueira acabaram recebendo também famílias oriundas da favela Metrô Mangueira.

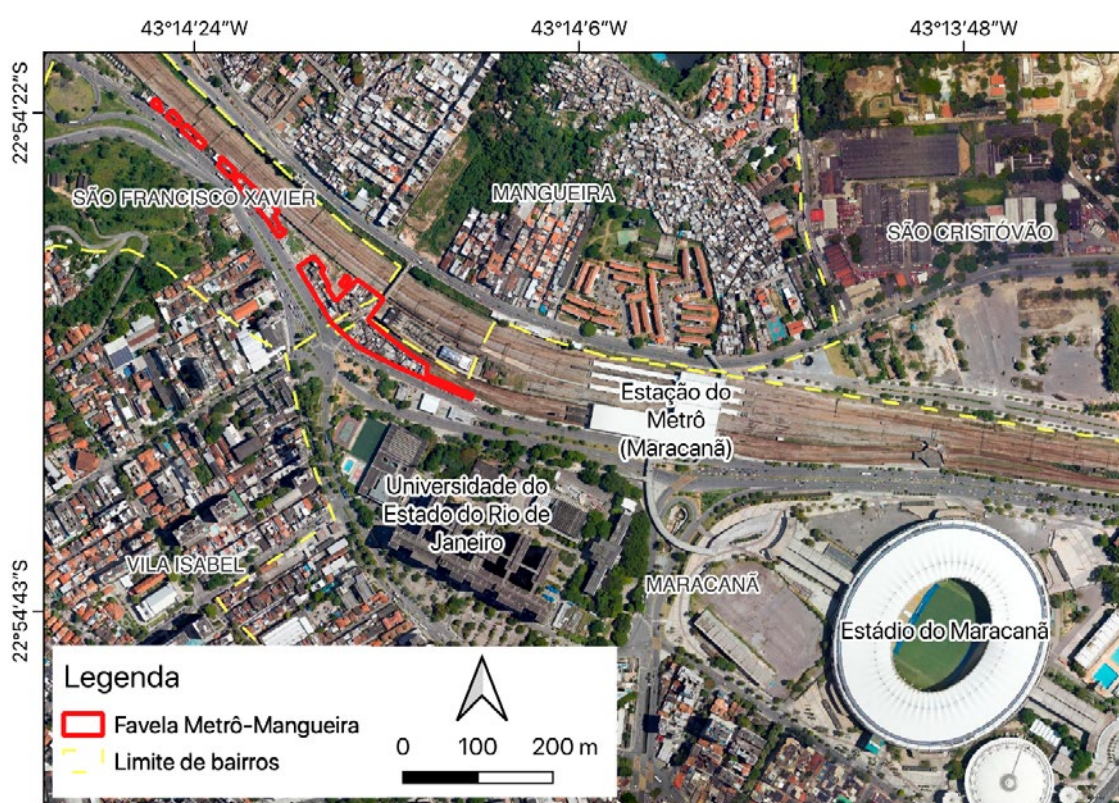


Imagem 1 – A favela Metrô Mangueira e seu entorno. Fonte: Mapa elaborado por Adílson Viana Soares Júnior para este artigo a partir de imagem de satélite do Google, 2022.

A remoção da favela foi gradual e bastante violenta, ocorrendo em diversas fases, que nos ocuparemos em descrever apenas em linhas gerais. A primeira fase começou em 2010, quando a prefeitura, proprietária do terreno, decidiu “limpar a área”, oferecendo às famílias três alternativas: “Cosmos, abrigo ou rua”, conforme enunciado à época pelo representante municipal aos moradores. Encurraladas, 107 famílias foram removidas naquele ano para um condomínio do programa federal Minha Casa Minha Vida (MCMV) em Cosmos, um bairro distante, a cerca de 70km da

favela. A remoção era baseada na alegação pública de se tratar de “área de risco”, mas, segundo moradores e pesquisadores, a prefeitura almejava construir ali um estacionamento para os visitantes do estádio. Naquele contexto, o “tabu” das remoções estava sendo colocado em xeque; a cidade havia sido eleita para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, propiciando a retomada do discurso e da prática das remoções (MAGALHÃES, 2019). Sem espaço de diálogo e negociação, as primeiras famílias removidas quase não tiveram tempo de recuperar seus pertences antes da demolição das suas moradias.

Abalados com a truculência dos agentes da prefeitura, sempre acompanhados de apoio policial, os moradores começaram a protestar e a ganhar apoio de vários movimentos sociais e organizações internacionais, além da fundamental assessoria do Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Rio de Janeiro. Nessa segunda fase (de 2011 a 2013), a remoção reduziu seu ritmo, e, com o aumento da visibilidade e da resistência social, as famílias restantes conseguiram permanecer nos arredores da favela. Sob pressão social, a prefeitura assentou 248 famílias no condomínio popular Mangueira I, construído com recursos do MCMV na rua Visconde de Niterói. Mais de um ano depois, outras 217 famílias foram transferidas para apartamentos de 40m² em alguns dos onze blocos do condomínio Mangueira II, construído em terreno vizinho ao condomínio Mangueira I. Outras 65 famílias da favela Metrô Mangueira foram reassentadas no condomínio popular Bairro Carioca, em Triagem, também na Zona Norte.

A terceira fase (de 2014 a 2016) foi marcada pela transição entre os últimos conflitos, com manifestantes sendo atacados com gás de pimenta e bombas de efeito moral, e a ação judicial de defesa dos moradores que conseguiu interromper o processo. Em 2015, a Defensoria Pública, junto com a Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, moveu uma ação civil pública para garantir a permanência das famílias até o final do ano letivo, devido à situação escolar das crianças e dos adolescentes que lá residiam. No mesmo ano, o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro ratificou a decisão, determinando a suspensão imediata das demolições de moradias com crianças e adolescentes. Alegando existir ainda na favela 34 crianças e nove adolescentes, o juiz titular da 1ª Vara da Infância, da Juventude e



do Idoso estabeleceu multa de R\$ 100 mil por cada residência destruída, argumentando ser “inconcebível permitir que famílias compostas por crianças e adolescentes, vulneráveis, sejam desalojadas de suas residências, sem ter para onde ir” (VIEIRA, 2015, s/p).

Quando iniciamos nosso trabalho de campo, em 2017, diversas famílias com crianças ainda viviam na favela em meio a escombros, e as poucas construções não demolidas haviam sido ocupadas por outras famílias carentes de moradia. Naquele ano, começamos a desenvolver oficinas com algumas crianças na favela e, entre 2018 e 2019, com crianças do condomínio Mangueira II, a maioria oriunda da favela Metrô Mangueira. A metodologia do “andar junto” decorreu desse processo de trabalho com as crianças na favela e no condomínio, durante o qual começamos a refletir com elas sobre a cidade e seus deslocamentos, tanto involuntários, como no caso da remoção, quanto voluntários, motivados por necessidades ou desejos de ir a algum local. Apresentamos a seguir um breve relato de duas oficinas que antecederam os percursos realizados com crianças no caminho entre a casa e a escola, atividade em cuja análise se concentrará nossa atenção.

ENTRE A CASA E A ESCOLA, A CIDADE

Considerando as crianças como “usuárias competentes da cidade”, como descreve o antropólogo Marco Mello no prefácio do livro *Como as crianças veem a cidade?* (VOGEL, A.; VOGEL, V. L. O.; LEITÃO, 1995), realizamos oficinas temáticas com as crianças do condomínio popular em três sábados de abril de 2019 para compreender a perspectiva delas sobre o espaço urbano carioca. Enquanto ambientes de criação coletiva, as oficinas geralmente se dividiam em dois tempos, um dedicado ao acolhimento e à sensibilização das crianças e outro dedicado à reflexão, com elas, de um tema específico por meio de atividades lúdicas e artísticas.

Na primeira oficina, as crianças foram convidadas a expressar seus conhecimentos e percepções sobre a cidade. Com o uso de músicas que abordavam alguns bairros e um mapa político do Rio de Janeiro, a atividade nos fez perceber, entre ou-



tros, como as crianças reproduzem as representações e idealizações sobre as Zonas Norte e Sul, expressando a divisão da cidade em grandes “regiões morais” (PARK, 1979) por meio das quais se orientam as ações e as frequentações dos atores, assim como o processo de fragmentação da vida urbana que, como diz Sarmento (2018), é um dos fatores de restrição da cidadania da infância.

As representações das crianças sobre a cidade eram, ainda, atravessadas pela imagem dos seus principais pontos turísticos, como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e o Estádio do Maracanã, mas também dos lugares que frequentavam em função de relações de parentesco ou de atividades pessoais das famílias. Embora várias crianças tenham ido, ao menos uma vez, a algum desses pontos turísticos da cidade, a maioria costumava circular apenas pelos bairros do entorno. Pela proximidade, o estádio do Maracanã e a Quinta da Boa Vista eram os dois ícones mais visitados. As duas crianças que manifestaram conhecer e circular por um número maior de regiões da cidade eram Miguel, de 9 anos, que, por estar vinculado a um clube, costumava ir jogar futebol em Deodoro e outros bairros das Zonas Norte e Oeste, e Luana, de 12 anos, que por ser de uma “família praiana” conhecia quase todos os bairros litorâneos da cidade, da Zona Oeste à Zona Sul.³ No caso de Luana, acreditamos que o fato de sua família ser a única do grupo que possuía automóvel também viabilizava a sua maior circulação pela cidade e mesmo passeios em cidades próximas, como Niterói e Maricá.

Embora as práticas de esporte e lazer também favorecessem a circulação urbana dessas crianças, a instituição escolar (junto com o local de moradia) era o principal marcador de sua presença no espaço público. A despeito da remoção, o deslocamento entre a casa e a escola consistia no principal modo de circulação delas pela cidade. Como nos disse Mariana, de 10 anos: “Eu só saio daqui mesmo para ir à escola”.

Com o intuito de compreendermos melhor essa circulação, realizamos outra oficina, na qual as crianças expressariam o seu trajeto cotidiano entre a casa e a escola. Nessa oficina, as crianças foram estimuladas pela exibição do curta-metragem *Caminhando com Tim Tim* (2014), no qual o espectador é convidado a ser guiado no caminho de duas quadras por Valentim, de 1 ano e 5 meses, olhando a cidade de sua perspectiva e aprendendo que “o chegar não é mais valioso que a andança; que

³ Todos os nomes das crianças utilizados neste texto são fictícios.



o encontro é precioso e necessário”.⁴ Através de recursos plásticos (hidrocores, lápis etc.), foi sugerido que as crianças desenhasssem o seu percurso entre a casa e a escola em uma cartolina, identificando como ele é realizado, se o fazem sozinhas ou acompanhadas, quais são os pontos de referência encontrados no caminho etc. Em seguida, foi oferecida massinha de modelar para as crianças confeccionarem personagens de si mesmas e narrarem esses percursos ao grupo. Essa atividade nos revelou outro aspecto apontado por Sarmiento (2018) quanto à restrição da cidadania na infância: a institucionalização das crianças como alunas, que instaura uma organização peculiar do seu espaço-tempo, fazendo-as a circular somente entre instituições (casa e escola) – além de essa circulação ser quase sempre conduzida por um adulto.

Dos dez desenhos realizados, oito representavam um caminho direto – por vezes sinuoso, mas sem interrupções – entre a casa e a escola, no qual ambos os lugares apareciam em proporções semelhantes. Em três deles, a “casa” era representada pelo prédio do condomínio. Sol amarelo e nuvens azuis acompanhavam boa parte das cenas retratadas, dando uma atmosfera alegre aos trajetos. Uma criança desenhou uma “padaria” e outra uma “loja” de comidas e bebidas, nas quais costumava fazer paradas para lanchar. Duas crianças retrataram o estádio do Maracanã, sendo que uma delas também incluiu o prédio do Corpo de Bombeiros e a outra incluiu a estação de metrô Maracanã e uma lanchonete como referências importantes no seu caminho para a escola. Embora algumas crianças passassem pela UERJ no trajeto, esta não aparecia como uma referência relevante a ser incluída nos desenhos. Ou seja, embora fisicamente próxima da favela e do condomínio, a universidade era socialmente distante, o que nos motivou a realizar, em outro momento, duas visitas guiadas com as crianças ao campus.

Durante a oficina, Lara, de 8 anos, perguntou se precisava modelar o bonequinho de sua mãe, já que era ela quem a levava diariamente de bicicleta para a escola. Luana, 12 anos, comentou que ia para a escola de carro com o pai e voltava no carro do tio. Aluna de um colégio privado na Tijuca, a menina fazia o trajeto acompanhada também dos primos, que estudavam em uma escola municipal no Maracanã. Miguel,

⁴ Realizado de maneira caseira pela palhaça e bonequeira Genifer Gerhardt e seu marido Tiago Expinho, o curta-metragem alcançou grande repercussão, mostrando o trajeto diário de seu filho Valentim entre a sua casa e a casa da avó em um bairro de Porto Alegre.



de 10 anos, criou seus bonecos de massinha, explicando que estudava de manhã e ia para a escola sempre com a mãe, mas que retornava sozinho muitas vezes. Perguntado sobre o caminho que realizava para chegar à sua escola municipal, Miguel relatou: “saio de casa, perto do Maracanã, e passo pelo mototáxi e depois por uma padaria”. Alexandra, de 7 anos, demorou um pouco mais na atividade, pois, segundo ela, teria que fazer três bonequinhos, já que vai para a escola junto com a mãe e a irmã.

Para apreender a cidade a partir da experiência dessas crianças, decidimos no momento seguinte caminhar com elas. Partimos do pressuposto de que o andar é extremamente importante para a observação e compreensão do espaço urbano. Como nos diz Michele Jolé (2005, p. 423), “a cidade se apresenta à flor da pele, e o andar permite vê-la, compreendê-la”. Propomos então acompanhar a trajetória de dois participantes das oficinas entre a sua casa e a escola durante um dia comum de suas rotinas. De maneira experimental, nossa atividade era baseada na ideia de fazer das crianças nossos guias, semelhante ao que realizamos em uma pesquisa anterior na Ilha do Fundão (FREIRE, 2014).

Para tanto, inspiramo-nos na clássica etnografia de Vogel, Mello e Mollica (2017 [1981]) sobre o Catumbi, em particular por incluírem as crianças e adolescentes como interlocutores qualificados na reflexão sobre a cidade e defenderem, como preconizava Jane Jacobs (2009 [1961]), a escala da rua, na qual o ato de caminhar é capaz de dar significado e vitalidade ao espaço urbano, em contraste com o projeto urbanista voltado à mobilidade automobilística. De modo complementar, inspiramo-nos também no método dos “percursos comentados”, proposto por Jean-Paul Thibaud (2008) para aceder à experiência sensível do caminhante através do andar, do perceber e do descrever. Ainda que não levássemos adiante, com o devido rigor, essa proposta de estudo das ambiências urbanas, a caminhada a dois constituía uma forma instigante de produzir conhecimento baseada em uma inversão da relação frequentemente hierárquica, sendo o pesquisador levado pelo outro que o faz andar, e colocado na condição de captar o espaço por ele revelado. Comentando sobre a caminhada, o outro permitiria ao pesquisador qualificar os ambientes de um lugar a partir das percepções que os usuários têm dele e de suas práticas.

Sobre as crianças, Hirschfeld (2002) já observou, em um contundente artigo



a respeito da relutância dos antropólogos em pesquisar o universo infantil, que, além de capacidade excepcional em adquirir a cultura dos adultos, as crianças possuem o potencial de criar a sua própria cultura. Reconhecer a contribuição delas na aquisição de sensibilidades culturais seria, aliás, um dos primeiros passos para a consolidação de uma “antropologia da criança”. Os desafios metodológicos não são poucos, como mostram, por exemplo, as pesquisas de antropólogas brasileiras como Flávia Pires (2007) e Emilene Sousa (2015), exigindo do pesquisador criatividade e o uso de estratégias pouco convencionais na antropologia. E quando se trata de crianças muito pequenas, os desafios podem ser ainda maiores, fazendo os pesquisadores construírem seus próprios caminhos, sob pena de que, diante da incapacidade de compreendê-las em sua inteireza e singularidade, “abafemos suas vozes e demais capacidades de expressão que podem ser reconhecidas como fontes a informar sobre elas mesmas ou o entorno vivido e experienciado cotidianamente” (GOBBI, 2018, p. 11). A partir da provocação feita por Hirschfeld, no título de seu artigo, afirmamos que mais do que “gostar” de crianças, os antropólogos têm muito o que aprender com elas.

Em se tratando de atores historicamente marginalizados na antropologia e quase sempre excluídos dos debates urbanos, buscamos, inversamente, colocar o foco no seu protagonismo. Acompanhando as crianças, buscávamos observar como elas realizavam o trajeto, por onde passavam, que reações e emoções eram despertadas, o que encontravam, como se relacionavam e construía suas relações com a cidade nesse caminho.

Os dois meninos escolhidos estudavam no turno da manhã em escolas do bairro de São Cristóvão. No dia combinado, uma quarta-feira de abril de 2019, nossa equipe se dividiu, de maneira que eu acompanhasse a trajetória de João, de 13 anos, e a bolsista de pedagogia acompanhasse a trajetória de Gustavo, de 10 anos. Ambos os percursos foram registrados através de fotografias, anotações, vídeos e mapas.

Encontrei João ainda em sua casa, às 6h30. Ele já estava uniformizado e, sentado no sofá, consultava o telefone celular ao mesmo tempo em que terminava de tomar o café-da-manhã. Sua avó conversava comigo na porta do apartamento, em andar térreo, e o apressava, para que ele não chegasse atrasado na escola. Às 6h40 saímos de seu apartamento. Na esquina do bloco, encontramos outro adolescente,



Rafael, que o aguardava também uniformizado. Eles se cumprimentaram gestualmente, e seguimos, nós três, a pé pela Rua Visconde de Niterói a caminho de São Cristóvão. A cidade, logo cedo, se agitava, com uma quantidade razoável de automóveis passando em sentido contrário. Tímido, João não puxava conversa comigo, mas também não mostrava incômodo com minhas perguntas e meu pedido para fotografar seu trajeto na companhia do amigo. No fundo, apesar das explicações que eu pudesse dar, parecia não fazer muito sentido meu interesse em acompanhá-lo naquela atividade, para ele, banal.

Na calçada, passamos por muitos muros e alguns prédios, como o Instituto Municipal de Medicina Veterinária, a Escola Técnica Adolpho Bloch e o Grupamento Tático de Suprimento de Água para Incêndios do Corpo de Bombeiros. Alguns minutos depois, antes de iniciar a curva da avenida, João e o amigo viraram em uma pequena rua à esquerda, onde se encontra a Escola Municipal Mestre Waldemiro. Para minha surpresa, entraram pelo pequeno portão existente no extenso muro da escola e deram alguns passos pelo seu interior. Como caminhantes, eles criaram uma nova relação com o espaço dessa escola – que, para mim, constituiria um desvio, um obstáculo –, transformando em outra coisa (um atalho) aquele significativo espacial (CERTEAU, 2008). Quando percebi, já estávamos dentro da Quinta da Boa Vista – um dos maiores parques urbanos da cidade, com cerca de 155m² e grande valor histórico, por ter sido local de residência da família real imperial até a Proclamação da República.

A mudança de ambiência foi automática: do barulho dos veículos automotores na avenida e do burburinho das crianças na porta da escola ao silêncio do parque, interrompido apenas pelo som de passarinhos. O caminho também ficara mais leve e sinuoso, acompanhando o desenho das ruas internas arborizadas. Às 7h o parque era ocupado basicamente por alguns moradores da região que ali praticavam suas caminhadas ou passeavam com seus cachorros e pelos funcionários que cuidavam da manutenção do espaço. Nenhum dos pequenos pontos comerciais estava aberto. À nossa frente, uma senhora descia de um Fusca para dar comida aos gatos. Algumas pessoas também cruzavam nosso caminho, utilizando o parque como um atalho para chegar ao trabalho. Ao contrário da primeira parte do percurso, margeada por uma grande avenida na qual os veículos monopolizavam a cena, este era um lugar



exclusivo de circulação de pedestres e pequenos animais. João e o amigo seguiam conversando, aparentemente indiferentes a mim e aos outros transeuntes. Em um cruzamento, o amigo despediu-se e seguiu por outro trajeto dentro do parque, em direção à sua escola. Restamos eu e João.

Após caminharmos mais um pouco, saímos do parque pelo portão que dá acesso à Praça Rotary. O movimento de veículos retornou à nossa vista e aos nossos ouvidos. À direita, ruídos de crianças que chegavam na Escola Municipal Portugal. Seguimos em frente, pela rua Dom Meinrado (nome de um pároco da antiga igreja de São Januário), onde passamos por um belo portal que servia de separação entre a Quinta e os seus arredores, muito antes de o parque ser cercado por grades e ruas com grande fluxo viário. Esse detalhe, a respeito do qual João relatava nada saber, evocava a história esquecida do bairro outrora imperial. De todo modo, o andar se mostra também como uma forma de aprendizagem coletiva de um lugar.

Chegando no movimentado Largo da Cancela, paramos para atravessar o sinal da Rua Luiz Gonzaga, nome que homenageia o “rei do baião” e nos indica a forte presença nordestina no bairro. Pergunto a João sobre que sensações o ambiente do parque e daquelas ruas externas lhe transmitem, e ele diz “paz” e “bagunça”, respectivamente. Pergunto qual dos dois lugares gosta mais, e ele me responde, sorrindo: “os dois”. O trajeto de João nos mostra que o andar é tanto um deslocamento físico como um deslocamento psíquico e mental dos caminhantes. Esses contrastes de sons e imagens, essas quebras de ritmos eram realmente marcantes nesse seu caminhar pela cidade e pareciam, de algum modo, ser fonte de prazer. Construindo seu próprio percurso, João se apropriava e era envolvido pela cidade.

Mais adiante, fui novamente surpreendida por outro encontro repentino de João, desta vez com outros dois amigos que, pelo uniforme, percebi serem da mesma escola. Os amigos o aguardavam na calçada, em frente a um mercado, e lanchavam um salgado e um refrigerante. Apesar de ter sido rapidamente apresentada aos amigos, eles seguiam conversando, descendo a rua Luiz Gonzaga em direção ao Campo de São Cristóvão e ignorando parcialmente minha presença.

Quando passei à frente para tentar fotografá-los, eles resolveram parar e posar para mim, sorrindo e fazendo sinal com as mãos fechadas e os polegares para cima.



Atravessamos uma rua, e, em menos de um minuto, eles entraram no Educandário Gonçalves de Araújo. De sua casa até a escola, João caminhou um pouco mais de 3km em quase trinta minutos, sem demonstrar nenhum esforço ou cansaço. O vigilante impediu minha entrada e tive que me contentar com um aceno à distância de despedida dos adolescentes. Fiquei a contemplar, por alguns segundos, a arquitetura gótica do prédio, pensando se já havia notado seus detalhes nas inúmeras vezes em que passei por ali ou visitei o Centro de Tradições Nordestinas, no lado oposto da rua.

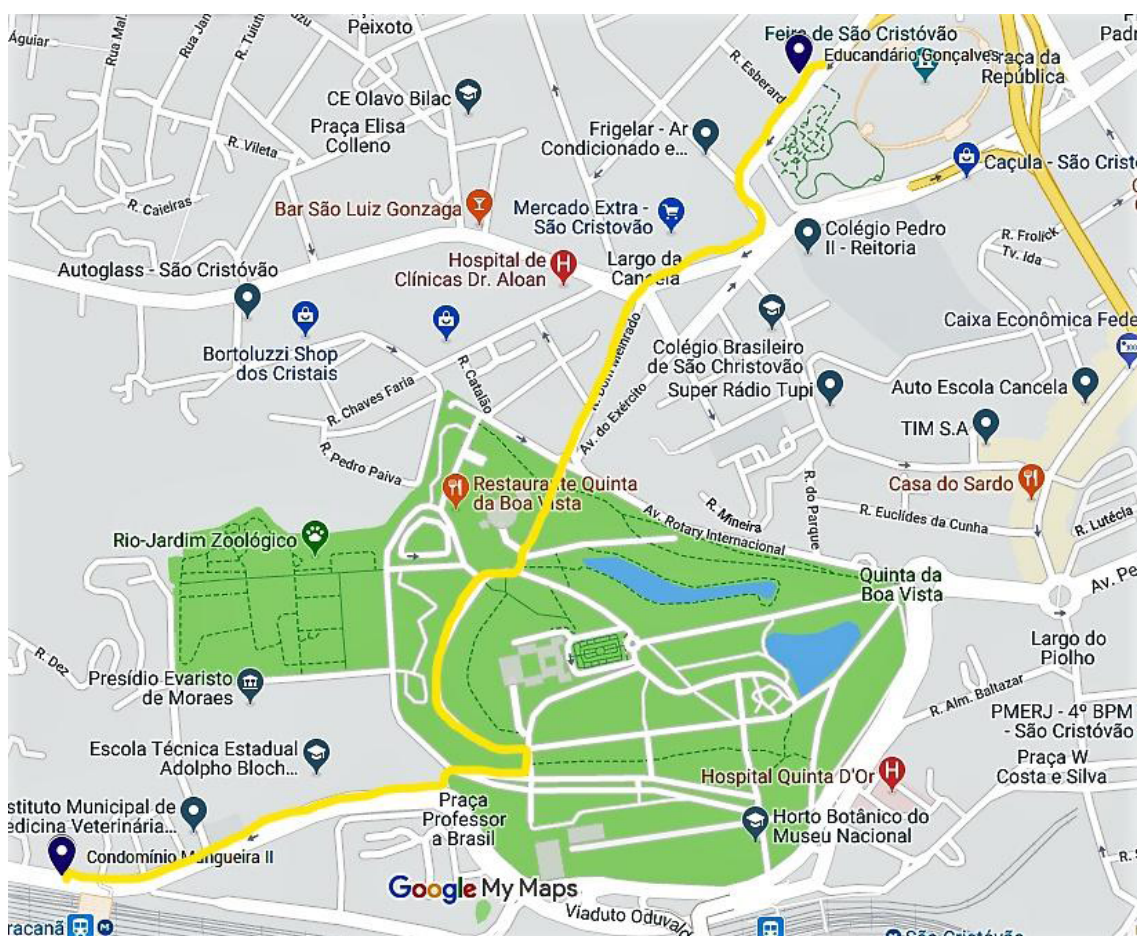


Imagem 2 – Percurso realizado por João (em amarelo).
Fonte: Google Maps, com intervenção da autora, 2019.

O trajeto de Gustavo começou uns quarenta minutos depois que o de João e, assim como este, também estudava em uma escola em São Cristóvão. A então bolsista do projeto, Maddalena, chegou às 7h15 no condomínio. Na portaria, estavam três mães com seus filhos uniformizados. Ao chegar em frente ao bloco onde viviam Gustavo e sua mãe Paula, Maddalena os aguardou por cinco minutos para seguirem

juntos a caminho da escola: ela, Gustavo, sua mãe Paula e Henrique, um amigo do condomínio que estuda na mesma escola e também estava uniformizado. Enquanto a bolsista registrava a saída de casa até a portaria do condomínio, perguntou a Gustavo como era levantar cedo para ir para a escola e se ele gostava de estudar pela manhã. Gustavo respondeu que não tinha problema quanto a acordar cedo e que gostava de estudar no turno da manhã. Ao ser perguntado se ele achava perigoso ir caminhando para a escola, respondeu que não, uma vez que a escola “fica perto” de sua casa e, por isso, o caminho “é muito tranquilo”.

Ao saírem pela portaria do condomínio, os quatro dobraram à esquerda na calçada, seguindo pela Rua Visconde de Niterói. Após poucos passos, Gustavo se aproximou de um ambulante que vendia biscoitos na frente da escada da passarela da estação do metrô Maracanã e comprou um biscoito para levar de merenda para a escola. Uns 100 metros adiante, Gustavo parou novamente, desta vez em um quiosque, onde comprou do senhor um copo de mate industrializado. A mãe antecipou a pergunta da bolsista e disse que ele sempre fazia essas paradas para comprar o lanche da escola. A bolsista perguntou-lhes se não achavam mais prático e barato comprar tudo de uma só vez no supermercado para suprir a merenda da semana toda, mas a mãe respondeu que eles preferiam assim, pois os meninos gostavam de “parar para comprar”. Para além do consumo, tais paradas para adquirir produtos alimentícios tornavam a sua caminhada uma agradável abertura para os encontros e interações com o outro, podendo ser lidas também como formas de usufruírem e participarem da vida urbana.

Seguindo em frente, pela calçada, atravessaram a Rua Graciete Matarazo e, em seguida, a Rua da Candelária. Nessa altura, a continuação da Rua Visconde de Niterói passa a se chamar Avenida Bartolomeu de Gusmão. Passando por uma quadra de esportes, comentaram sobre o espaço. Gustavo disse que fazia aulas de futebol ali com um “professor da comunidade” nas tardes das terças e quintas-feiras, após a escola. Para a bolsista, respondeu que gostava muito de jogar futebol. Notamos novamente que a prática esportiva, mesmo quando realizada dentro de instituições, também pode ampliar um pouco mais a circulação dessas crianças e desses jovens pela cidade.



Ainda margeando a Avenida Bartolomeu de Gusmão, Gustavo e sua mãe cortaram a Avenida Neves e, em seguida, viraram à esquerda, na Rua Bartolomeu de Gusmão. Na esquina, o mesmo Instituto Municipal de Clínica Veterinária pelo qual havia passado mais cedo João. À direita, a Escola Municipal Marechal Trompowsky. Algumas mães de alunos que passavam por eles cumprimentaram Paula. Ela comentou que levava Gustavo todos os dias para a escola, mas que antes costumava deixar o filho caçula na creche. Quando estava “atrapalhada com o tempo”, o filho mais velho, Gabriel, de 18 anos, era quem levava Gustavo para a escola, mas agora Gabriel estava procurando emprego e não estava podendo ajudá-la; por isso, ela acabava se atrasando para chegar ao trabalho no centro da cidade. Às 7h28 chegaram em frente à escola. Gustavo e Henrique foram logo passando pelo portão e encontrando seus colegas, sem se despedir de Paula e da bolsista, que então chamou Gustavo para fazer um último registro fotográfico do percurso, seguido de um tímido gesto de despedida com as mãos.



- | | | |
|-----------------------------|--------------------------|-------------------------------|
| 1- Cond. Mangueira 2 | 3- Ambulante do biscoito | 5- Quadra de esportes |
| 2-Bloco I (Casa do Gustavo) | 4- Banca de jornal | 6- Escola Marechal Trompowsky |

Imagem 3 – Percurso de Gustavo (em verde).

Fonte: Google Earth, com intervenções de Maddalena Chianello, 2019.

Segundo Müller e Nunes (2014), a concepção de criança como um ser incapaz, passivo e dependente tende a ser maximizada quando deslocamos o nosso olhar para o espaço da cidade, o que pode ser observado, por exemplo, no comportamento dos adultos em relação às crianças nos médios e grandes centros urbanos. Por ou-

tro lado, os autores chamam a atenção, citando Castro (2004, p. 19), para a existência de um complexo jogo de forças em que, afastados das esferas institucionalizadas de poder, as crianças e os jovens lutam, na tessitura física e social da vida urbana, para ocuparem seu lugar enquanto sujeito coletivo. Na pequena caminhada com João e Gustavo pudemos constatar esse papel ativo desempenhado por eles nas interações estabelecidas na cidade.

Como vimos, João e Gustavo moravam no mesmo condomínio, estudavam em escolas no mesmo bairro e faziam seu trajeto a pé, mas realizavam, de maneira muito diferente, seus percursos diários matinais da casa para a escola. Independente dos membros de nossa equipe, ambos os meninos realizavam seu percurso, total ou parcialmente, na companhia de terceiros. João, por ser mais velho, saía do condomínio ao lado de um amigo da mesma idade, com o qual ia conversando até metade do trajeto, e, mais adiante, encontrava outros dois amigos, com os quais passava a compartilhar o caminho final até a escola. Já Gustavo saía do condomínio com sua mãe e um amigo e, no caminho, encontrava dois vendedores na rua, com os quais sempre interagia e comprava itens para sua merenda escolar. Mesmo estando com sua responsável, Gustavo parecia, tal como João, exibir certa autonomia sobre o desenvolvimento de seu percurso. Seguindo as palavras de Certeau (2008), podemos dizer que as motricidades dessas crianças moldavam espaços na cidade. Andando junto com eles, percebemos o processo de personalização envolvido nas escolhas que fazem no seu roteiro pela cidade, estabelecendo pontos de contato, de atração ou de repulsa que são profundamente individualizados e que, no seu conjunto, compõem aquilo que Sarmiento (2018, p. 237) chama de “mapa individual de afetos e desafetos”.

Enquanto João atravessava a Quinta da Boa Vista para encurtar o trajeto, produzindo uma quebra na ambiência ruidosa e agitada do bairro, que lhe transmitia “paz”, Gustavo seguia um caminho quase retilíneo em direção à escola, margeando boa parte da movimentada Rua Visconde de Niterói e mantendo, assim, poucas variações de ambiência. Para um observador externo, as aparências do entorno poderiam sugerir que a Avenida Bartolomeu Gusmão, com grande fluxo de veículos em alta velocidade, muros altos nas calçadas, passarela de concreto e muita poluição, fosse desprovida de atrativos, porém, para Gustavo o prazer da caminhada parecia estar



associado justamente a esse movimento, à possibilidade do consumo e das interações com os vendedores que também ocupavam o espaço público pelas manhãs, impedindo-o que se tornasse inóspito e perigoso.⁵ “Palco por excelência do social” (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017 [1981], p. 105), a rua promove o contato com o outro, desconhecido, mas também interações com os conhecidos, sejam amigos, vizinhos ou trabalhadores que simplesmente estão sempre ali.

Ao estudar a mobilidade urbana de 243 crianças em Brasília, que se deslocam das regiões periféricas para escolas no Plano Piloto, Müller (2018) encontrou diferenças significativas nos trajetos casa-escola e escola-casa de algumas crianças, mas também soluções criativas, elaboradas tanto pelas crianças quanto pelos adultos, para contornar vários problemas nos trajetos diários. Em nosso caso, é preciso ressaltar o caráter experimental da atividade, que considerou dois trajetos realizados a pé e apenas no sentido de casa para a escola, em uma cidade que também tem suas particularidades urbanísticas. Muito provavelmente as experiências e dificuldades de João e Gustavo seriam bastante diferentes se envolvessem deslocamentos de maiores distâncias, o uso de transporte público ou se também tivéssemos acompanhado o retorno da escola para casa – o que não enfraquece, a nosso ver, a análise possibilitada pelos dois percursos.

Assim como aponta Amâncio (2016) em sua etnografia sobre os trajetos casa-escola realizados a pé por crianças de um bairro periférico de Maputo, em Moçambique, os percursos de João e Gustavo, embora relativamente curtos em tempo e distância, revelam o quanto estas situações de trânsito podem ser momentos significativos de interação, autonomia e tomada de decisões, mas também de lazer e brincadeira, ainda que associadas à experiência do risco, tão necessária ao desenvolvimento físico, cognitivo, social e emotivo das crianças (TONUCCI, 2009).

Por fim, se a diversidade é, como dizia Jane Jacobs (2009), o princípio onipotente das cidades, são as discontinuidades e as paradas do caminho que o tornam agradável. Nesse sentido, as caminhadas podem ser, ao mesmo tempo, passeios. Se feitos em companhia de amigos, mais divertidos e agradáveis se tornam. Feitos qua-

⁵ Provavelmente o mesmo não se poderia dizer se o percurso fosse realizado à noite ou em outra situação, pois, como chamam a atenção Vogel e Mello (2017 [1981]), os significados e valores dos lugares dependem dos seus usos contextuais.



se que diariamente, podem ter ainda uma dimensão ritual, na qual “o bairro é passado em revista, é supervisionado, oferecendo-se como espetáculo também” (VOGEL; MELLO, 2017 [1981], p. 103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da intercessão entre a Antropologia da Criança e a Antropologia Urbana, buscamos compreender os impactos de certas intervenções urbanas na experiência escolar e cidadina das crianças, mas também reconhecer a escola como instituição potencial para a inserção e a participação delas no espaço público; não tanto pelas relevantes atividades pedagógicas externas que a escola propicia aos alunos – estas, quase sempre conduzidas por adultos –, mas por sua simples inscrição na cidade e pela necessidade de as crianças terem que se deslocar cotidianamente até ela.

Em nossa pesquisa – realizada antes da pandemia da covid-19 –, percebemos que, assim como a casa e a escola, a cidade também se oferece como um lugar significativo de socialização e aprendizagem.⁶ Como dizem Vogel, Mello e Mollica (2017 [1981], p. 118) a respeito das crianças no Catumbi, “a riqueza das experiências possíveis numa rua não pode ser mimetizada por nenhuma instituição pedagógica, inclusive pela forma de apreensão não analítica, pela qual a diversidade social pode ser vista, percebida e compreendida”.

Nesse exercício de compreender a cidade a partir da experiência infantil, percebemos como “os jogos dos passos” (CERTEAU, 2008, p. 176) tecem os lugares, consistindo o ato de caminhar em um espaço de enunciação. Para além da necessidade de chegar a um local, caminhar possibilita enunciar outros usos possíveis dos espaços, criando novas configurações de sentido a partir das escolhas e estratégias pessoais dos caminhantes. Com isso, pudemos perceber não apenas os fatores restritivos, mas também as potencialidades da cidade para o exercício da cidadania da infância.

⁶ Reconhecemos que seria de suma importância uma análise sobre os impactos da crise sanitária do novo coronavírus no que se refere à interrupção das atividades presenciais nas escolas e à maior ausência das crianças nos espaços da cidade entre 2020 e 2021, mas isso estaria fora do alcance deste artigo.



Defendemos, portanto, que andar junto com as crianças no espaço urbano pode ser uma potente ferramenta de pesquisa antropológica, contribuindo não só para reconhecer o protagonismo das crianças na produção da cultura, fazendo com que o pesquisador adulto abandone seu lugar de autoridade e poder para ser conduzido e ensinado por elas, mas também para fortalecer sua inclusão, cada vez mais, como sujeitos qualificados nos debates sobre planejamento e gestão das cidades.

Afinal, não só as crianças precisam da cidade para se desenvolverem adequadamente, mas a cidade também precisa das crianças para, com sua presença nos espaços públicos, ganhar segurança, solidariedade e controle social, conquistando, assim, uma escala humana (TONUCCI, 2009). Dito isso, talvez o maior aprendizado desta experiência de pesquisa seja o fato de que, na cidade ideal, não é necessário que todos sejam crianças para termos um espaço urbano mais democrático e acolhedor, mas sim assegurar uma diversidade que inclua as crianças, de modo a garantir-lhes o exercício do seu direito à cidade e à cidadania.



REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Helder Pires. **Da casa à escola e vice-versa**: experiências de início escolar na perspectiva de crianças em Maputo. 2016. 203 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- ARAÚJO, Ana Lucia Castilhano de. Infância e cidade: reflexões sobre espaço e lugar da criança. **Aprender**, Vitória da Conquista, ano X, n. 16, p. 107-127, 2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/236654350>>. Acesso em: 17 dez. 2016. E-ISSN: 2359-246X.
- CAMINHANDO com Tim Tim. Direção: Genifer Gerhardt e Tiago Expinho. Porto Alegre: independente, 2014. 1 vídeo. (4 min). Publicado pelo canal genifergerhardt. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. **A aventura urbana**: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7Letras, 2004. 258p.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano**. V. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 169-192.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 205p.
- FREIRE, Leticia de Luna. **Próximo do saber, longe do progresso**: histórias de uma vila residencial no campus universitário da Ilha do Fundão. Niterói: EdUFF, 2014. 247p.
- GOBBI, Maria Aparecida. Entre a casa, a rua e a escola: o que o menino viu? Itinerários de uma criança em São Paulo. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 52, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/31122>>. Acesso em: 12 fev. 2022. E-ISSN: 1982-0305.
- GOBBI, Maria Aparecida; ANJOS, Cleriston Izidro dos (Org.). Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça (Dossiê temático). **Práxis educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/issue/view/393>>. Acesso em: 10 fev. 2022. ISSN: 2178-2679.
- HIRSCHFELD, Lawrence A. Why don't anthropologists like children? **American Anthropologist**, Hoboken, v. 104, n. 2, p. 611-627, jun. 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/26676096/Why_Dont_Anthropologists_Like_Children>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009 [original de 1961]. 510p.
- JOLÉ, Michele. Reconsiderações sobre o 'andar' na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 423-429, set./dez., 2005.
- MAGALHÃES, Alexandre. **Remoções de favelas no Rio de Janeiro**: entre formas de controle e resistências. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019. 327p.
- MÜLLER, Fernanda. Mobilidade urbana de crianças: agenda de pesquisa e possibilidades de análise. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 177-188, 2018. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/30544>>. Acesso em: 5 dez. 2019. ISSN: 1981-2582.

MÜLLER, Fernanda; NUNES, Brasilmar Ferreira. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 651-658, set. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/VyYrQTKPWyzjbGScvnwydVb/?format=pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016. ISSN: 1678-4626.

PARK, Robert Erza. A cidade. Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio ambiente urbano. In: Velho, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 4ª edição, p. 26-67, 1979.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 225-270, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ra/a/sRGpwnFNBPdZf9S53sqtzgc/>>. Acesso em: 2 jun. 2016. ISSN: 1678-9857.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, mai.-ago. 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/31317>>. Acesso em: 12 fev. 2022. E-ISSN: 1981-2582.

SOUSA, Emilene Leite de. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p. 140-164, jan. /jul. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/57434>>. Acesso em: 10 jan. 2018. E-ISSN: 1984-1191.

THIBAUD, Jean-Paul. La méthode des parcours commentés. In: GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, Jean-Paul (Org.). **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Parenthèses, 2008, p. 79-99.

TONUCCI, Francesco. Ciudades a escala humana: la ciudad de los niños. **Revista de Educación**, Madrid, número extraordinario, p. 147-168, 2009. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.mepsyd.es/re2009/re2009_07.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022. E-ISSN: 1988-592X.

VIEIRA, Isabela. Vara da Infância proíbe demolição de casas na Favela Metrô-Mangueira. **Agência Brasil** [site, s.l., s. p.], 26 ago. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/vara-da-infancia-proibe-demolicao-de-casas-na-favela-metro>. Acesso em: 27 mar. 2020.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOLLICA, Orlando (desenhos). **Quando a rua vira casa**. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4ª edição, revista e aumentada. Niterói: Eduff, 2017 [original de 1981]. 174p.

VOGEL, Arno; VOGEL, Vera Lúcia de Oliveira; LEITÃO, Gerônimo. **Como as crianças vêm a cidade**. Rio de Janeiro: Pallas; Flacso; UNICEF, 1995. 150p.

Recebido em: 14/05/2021

Aceito para publicação em: 09/02/2022

